

# *Oiana*

GERALDO ALVES MACIEL

PENALUX, 2021

## AQUI JAZ DEZ

Moravam todos em um sítio próximo à pequena cidade de Caratinga. João não era um sujeito muito chegado ao trabalho. As tarefas mais pesadas ficavam a cargo de sua esposa. Ela cuidava do marido, da roça e das crianças. João gostava mesmo era de matar o tempo perambulando pelas ruas da cidade. Sempre vestido de modo impecável, acabava por causar inveja em seus companheiros. Mal sabiam eles que toda aquela beca era um disfarce. Com sua indisposição para o trabalho, João passou a pedir dinheiro emprestado. Sua aparência era fundamental para convencer aos credores de que a quantia cedida seria prontamente ressarcida, como combinado. O problema era que João usava sempre a mesma estratégia. Não mudava o disco. Não mudava a música. Batia sempre na mesma tecla.

— Me empresta dez contos! — Dizia a um. — Será que poderia me render uns dez contos? — Indagava a outro.

Mas o que João conseguiu ganhar com essa história foi a alcunha de João Dez. Em pouco tempo todos já o cumprimentavam assim:

— Oh, Dez!

Para surpresa das pessoas, João não se incomodava, e pode-se até dizer que ele gostou do apelido. O que acabou por torná-lo popular em toda a cidade.

João Dez era um tipo prestativo, auxiliava a todos, só não auxiliava em casa. Guiava os caminhões itinerantes

pelas ruas da cidade e gostava de se inteirar sobre as diversas mercadorias que ofertavam. Quando menos se esperava, lá estava ele, dependurado no estribo da boleia, anunciando a plenos pulmões os produtos que os comerciantes traziam da cidade grande.

Com o veículo seguindo bem devagar, João Dez assumia o pregão:

— Atenção, freguesia! O arroz está fresquinho!

E, assim, acabava por ganhar alguns trocados. O que o deixava feliz da vida e pronto para regressar a sua casa, pois sabia que naquele dia havia cumprido sua missão.

Não era sempre que João Dez tinha sorte. Às vezes o truque simplesmente não funcionava. Um dia, ao entrar no bar do Garoa, pediu uma cachaça fiado, dizendo:

— Oh, Garoa, me desce uma pinga aí sô, e bota na conta!

Garoa, um tipo impaciente, respondeu logo:

— Você está careca de saber que aqui não vendemos nada fiado, Dez.

— Ah não vende não, né? — João retrucou em tom ameaçador — Pois fique sabendo que aqui jaz Dez! Morri para você, Garoa! Não entro mais em seu botequim!

E saiu enfezado da vida, batendo os pés com firmeza sobre o chão, inconformado com o tratamento que recebera no bar.

Uma noite, regressando de uma farra que ocorrera aos arredores do sítio do João Dez, dois grupos se aproximaram. Um descendo e o outro subindo a rua, em direções opostas. Dez, que estava em um dos grupos, seguia cauteloso rumo a sua casa. Ele não perdia de vista os movimentos das pessoas do grupo que vinha de encontro ao seu. Desconfiado, acelerou

o passo e, ao atravessar a porteira do sítio, João pôde ouvir uma voz ecoar:

— Oh, Dez! Aqui jaz!

João reconheceu a voz de imediato em meio à turma e exclamou aliviado, com um sorriso no rosto:

— Só podia ser você, Garoa! Só podia ser você!

E ambos se distanciaram como que num clima de reconciliação. O sorriso no rosto e o eco da voz que ainda se podia ouvir reverberava na escuridão, era a voz de João Dez desaparecendo ao longe, conforme seguia em direção a sua casa:

— Garoa, só podia ser você! Só podia ser você!



## ZÉ ELIAS

Homem de várias facetas, habilidoso, ele mesmo fazia suas vassouras, criativo, ele as fabricava por meio de pontas finas de bambu ou taquara, e até mesmo de mato, daquelas que as donas de casa de uma época distante costumavam usar. Além de dadas de graça pela natureza, exalavam um cheiro gostoso que naturalmente emanava do material escolhido. Na madrugada podia-se ouvir o chiado que Zé Elias provocava ao varrer as ruas da pequena cidade. Homem inteligente, ele usava sua psicologia, assim como sua inventividade, para, por meio de sua função pública, dominar toda a população. Trabalhava sozinho, carregava em sua carroça de burro uma corneta, daquelas usadas como alto-falante. A população naquele tempo tinha horror a vexames, e ele, inteligentemente, aproveitava-se disso para manter seu serviço em ordem. De vez em quando, parava na porta de alguma loja ou residência utilizando-se de seu talento e de sua inseparável corneta, anunciando aos quatro ventos:

— Vocês dizem que eu sou um lixeiro enjoado, eu não sou enjoado não, eu não estou exigindo, eu estou pedindo, apenas pedindo a frente de suas casas varridas, limpas e o lixo colocado dentro dos respectivos caixotes.

Naquela época não existia cesto plástico ou grades de metal.

Aproveitando o ensejo, anunciava jogos de futebol, sessões de cinema e ofertas em alguma loja.

— Atenção! — Gritava ele, com sua corneta. — É hoje! No cineteatro Inhapim, grandiosa película, com o astro Robert Mitchum, às 8 horas da noite, é hoje! — E continuando. — Domingo, no estádio de futebol do clube Botafogo, grandiosa disputa entre os donos da casa e o Faixa Azul! — Para terminar ele fazia propaganda da Casa do Quito, uma loja cujo dono era bastante irritante. — Casa do Quito! A loja que mais tarde abre, pior atende e só vende a dinheiro, Casa do Quito!

Depois de seus anúncios, ele se dirigia a sua mula Bahia, dizendo:

— Simbora, Bahia! — E ela obedecia. — Aí, Bahia! — E ela parava.

A mula obedecia e parava. Às vezes, acontecia de ela empacar na porta de alguma loja. Uma em especial, onde o balconista era um adolescente que a visitava no pasto da cachoeira à noite. A mula, apesar da viseira que lhe impedia de olhar para os lados, sentia de longe o cheiro inconfundível de seu rapazola. Zé Elias, sacana que só, comandava:

— Simbora, Bahia! — E ela, alheia ao comando, levantava o rabo e mijava-se toda, bem à vontade na porta da loja. O lixeiro, novamente dava a ordem. — Simbora, Bahia! E ela continuava ali imóvel. Raramente Zé Elias usava o chicote, o que ele fez, não batendo no lombo da mula, mas no malhal da carroça, dizendo uma última vez. — Simbora, Bahia, não é hora de namorar não, Bahia!

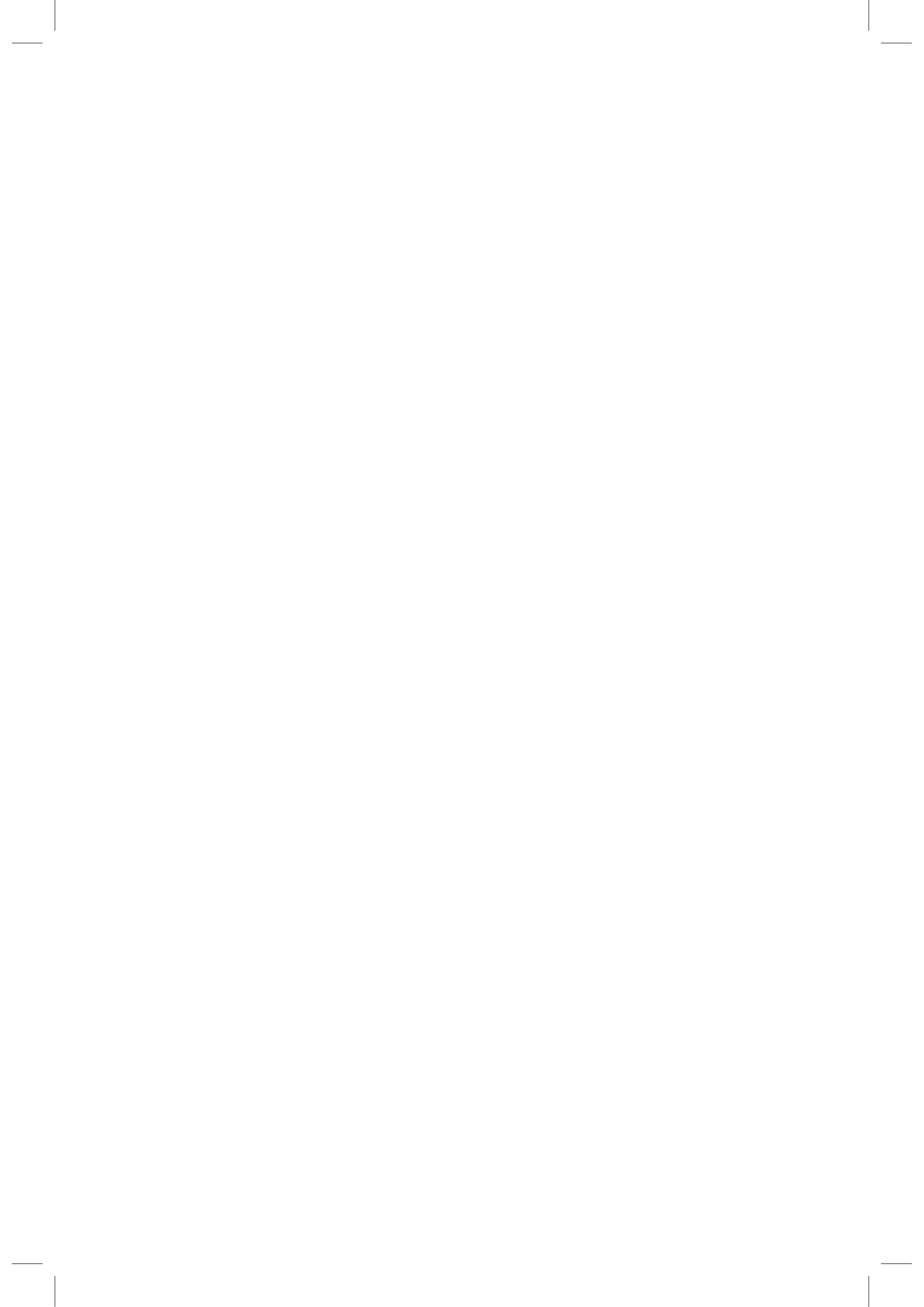
Cena que para o jovem era um verdadeiro martírio. O sofrimento só acabava quando Zé e sua mula se afastavam da porta da loja. E o rapaz finalmente podia respirar aliviado.

Vejam bem como são as coisas. Saí de Inhapim-MG aos 15 anos de idade, já com o alistamento militar nas mãos. O ano era 1955. Na carroceria de um caminhão, carregado com sucata, eu estava prestes a deixar minha cidade com destino a Volta Redonda no estado do Rio de Janeiro. Um pouco antes de partirmos, me acomodei em um canto desocupado junto a um encerado de lona que era utilizado para cobrir a carga. O tecido grosso me foi de grande valia, não apenas por impedir o deslocamento dos objetos, mas por fazer da viagem algo um pouco menos desconfortável.

O relógio marcava quatro horas da manhã e o mais difícil de tudo foi a despedida de minha mãe. Sentia que o coração se apertava com o aproximar do momento decisivo. Com o caminhão já a ponto de partir, a tensão aumentou, mas me mantive firme, com o olhar fixado sobre sua imagem que diminuía na medida em que me afastava. Sentia que deixava para trás uma história, ou melhor, várias histórias de minha curta existência, minha infância livre, meus amigos, meu começo de adolescência: tudo aparentava se distanciar na medida em que o veículo corria, levando junto aquela jovem alma sonhadora e ingênua, que não sabia o que esperar do futuro.

Sem dinheiro. Tinha em minhas mãos um queijo, uma gaiola e um violino velho. Esse último me acompanhou durante muitos anos, mesmo que não soubesse tocar uma







## **LIVROS ILUMINAM**

Este livro foi composto em Dapifer  
para a Editora Penalux, e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em setembro de 2021.